



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Michele de Mello

***ILHADOS:
Cuba e Estados Unidos, do bloqueio à reaproximação***

**RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Prof. Fernando A. Crocomo
no segundo semestre de 2016
Orientador: Prof. Rogério Christofolletti**

**Florianópolis
Dezembro de 2016**

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC		
ANO	2016.2	
ALUNO	Michele de Mello	
TÍTULO	ILHADOS: Cuba e Estados Unidos, do bloqueio à reaproximação	
ORIENTADOR	Rogério Christofolletti	
MÍDIA	<input type="checkbox"/> Impresso	
	<input type="checkbox"/> Rádio	
	<input checked="" type="checkbox"/> TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/> Foto	
	<input type="checkbox"/> Web site	
	<input type="checkbox"/> Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/> Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/> Reportagem livro-reportagem ()	() Florianópolis () Brasil () Santa Catarina (X) Internacional () Região Sul País: Cuba
ÁREAS	Jornalismo/ História / Relações Internacionais	
RESUMO	<p>O trabalho é um vídeo-documentário sobre as relações políticas entre Cuba e Estados Unidos, demarcando três períodos históricos: 1962, quando foi decretado o bloqueio econômico; 1993, ano em que Fidel Castro aprovou a despenalização do uso do dólar para cidadãos cubanos; e 17 de dezembro de 2014, data em que foi anunciado o restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países, rompidas desde 1961. O eixo central da narrativa será a história de três famílias cubanas, compostas por três gerações. Cada uma divide um mesmo lar e compartilha diferentes pontos de vista sobre a situação política e econômica do país, sua relação com os Estados Unidos e a maneira em que essa situação impactou na vida de cada personagem, as épocas tratadas no documentário. As imagens foram feitas durante intercâmbio acadêmico, em Pinar del Río, no segundo semestre de 2015.</p>	

A todas as famílias cubanas que resistem há 57 anos

AGRADECIMENTOS

À minha mãe por sempre me encorajar e acreditar nos meus sonhos. Ao meu orientador por estar sempre atento e ter aceito essa tarefa um ano e meio antes da entrega do trabalho. À Anaíra, Glória, Júlia, Talita e Vitória por serem grandes amigas durante toda a graduação. Aos meus camaradas que torceram por mim.

A todas as/os cubanas/os que conheci e me fizeram perceber, através da sua maneira de ser, de viver e resistir, que um mundo melhor, mais livre, justo e igualitário é possível.

RESUMO

O trabalho é um vídeo-documentário sobre as relações políticas entre Cuba e Estados Unidos, demarcando três períodos históricos: 1962, quando foi decretado o bloqueio econômico; 1993, ano em que Fidel Castro aprovou a despenalização do uso do dólar para cidadãos cubanos; e 17 de dezembro de 2014, data em que foi anunciado o restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países, rompidas desde 1961. O eixo central da narrativa será a história de três famílias cubanas, compostas por três gerações. Cada família divide um mesmo lar e compartilha diferentes pontos de vista sobre a situação política e econômica do país, sua relação com os Estados Unidos e a maneira que essa situação impactou na vida de cada personagem, durante as épocas tratadas no documentário. As imagens foram feitas durante intercâmbio acadêmico, em Pinar del Río, no segundo semestre de 2015.

Palavras-chave: Jornalismo; Cuba; Estados Unidos; Geopolítica; Vídeo documentário;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. JUSTIFICATIVA	08
2.1 História das relações entre Cuba e Estados Unidos	08
2.2 O Bloqueio Econômico	09
2.3 Cuba e a URSS.....	10
2.4 Atualidade.....	12
2.5 Escolha do tema.....	12
3. PROCESSO DE PRODUÇÃO	13
3.1 Pesquisa	15
3.2 Delimitação do tema	15
3.3 Recolhimento de arquivos e escolha de fontes	16
3.4 Gravações.....	17
3.5 Transcrição de entrevistas, roteiro e seleção do material	18
3.6 Edição e finalização	19
3.7 Lista de fontes	20
4. RECURSOS	21
5. DIFICULDADES E APRENDIZADOS	22
5.1 Apuração	23
5.2 Produção	24
6. REFERÊNCIAS	26
ANEXO A – ROTEIRO	28

1. INTRODUÇÃO

O trabalho é um vídeo documentário sobre as relações políticas, econômicas e diplomáticas entre Cuba e Estados Unidos. Por ser uma temática abrangente, o TCC foca em três períodos históricos: quando foi decretado o bloqueio econômico, 1962; 1993, ano em que Fidel Castro aprovou a despenalização do uso do dólar por cidadãos cubanos – até a data o manuseio da moeda por pessoas não autorizadas (bancários, diplomatas, estrangeiros e alguns membros do governo) era considerado crime em Cuba. Essa medida foi aprovada em pleno auge do chamado Período Especial, os dez anos subsequentes ao fim da União Soviética, que representaram a época de maior recessão econômica em Cuba. E, por último, 17 de dezembro de 2014, data em que foi anunciado o restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países, rompidas desde 1961.

O vídeo documentário propõe romper com o tipo de informação que é disseminada sobre Cuba, geralmente a partir de órgãos estatais, do Partido Comunista ou algum outro ente oficial. Busca aproximar o espectador do ponto de vista de cidadãos cubanos comuns, estruturando como eixo central da narrativa as entrevistas com três famílias cubanas, as quais possuem três gerações (avós, filhos, netos) morando no mesmo lar e compartilhando suas vivências e opiniões cotidianamente.

Para complementar os blocos de informação de cada período histórico foram entrevistados especialistas sobre o tema, como: historiadores, jornalistas, economistas, sociólogos, psicólogos, além de atletas, que participaram de competições internacionais. Também foram usadas imagens, áudios de arquivo que ajudem a recriar o cenário de cada época, e reportagens feitas sobre fatos que aconteceram depois de 17/12/14 e sejam emblemáticos para a construção desse contexto, como a visita de Obama a Cuba em março de 2016.

O documentário foi gravado fundamentalmente em Pinar del Río, cidade com cerca de 140 mil habitantes, que fica a 150 km de Havana e é a capital do estado mais ocidental de Cuba. Outras entrevistas e imagens foram feitas em Santiago de Cuba e na capital do país: Havana.

O filme pretende colocar em discussão a imagem consolidada de que os dois países em questão, separados por apenas 145 km, conformaram-se historicamente como inimigos ferrenhos e trazer os matizes dessa relação expressos no modo de pensar dos cubanos.

2. JUSTIFICATIVA

2.1 História das relações entre Cuba e Estados Unidos

A história da relação entre os dois países é antiga. Desde o século XVI, Cuba era uma colônia da Espanha, e similar às outras colônias da época, era utilizada para extração de matéria-prima para a Coroa. O país era povoado por aborígenes, na sua grande maioria, explorados e forçados a trabalhar ao lado dos contingentes de escravos africanos.

Por conta da atividade de extração de níquel, produção de açúcar e água ardente, durante dois séculos houve pouca preocupação da Coroa em instaurar instituições de maior controle e fiscalização do poder real, que garantisse a transferência de mercadoria apenas para a Espanha. Assim, com a proximidade geográfica e a política expansionista dos EUA, já no final do século XVIII havia contrabando de mercadoria de Cuba para os Estados Unidos. A principal importação era o açúcar, que diferente de outros lugares do mundo, era produzido a partir da cana.

Na última metade do século XIX, com a miscigenação e o aumento populacional considerável, já haviam sido criadas estruturas, que contribuíram para o pensamento independentista na colônia, como a Universidade de Havana – fundada em 1728, sendo a primeira na América Latina. Nesse período, iniciaram as guerras por independência na ilha caribenha. A última começou em 1895, de acordo com Cuevas e Vega (2005), a guerra estava quase ganha pelos *criollos* cubanos¹, quando os Estados Unidos entraram com suporte bélico a favor de Cuba. A movimentação aconteceu, porque os EUA vislumbravam, na aproximação com o país, a possibilidade de dominação. Há época também era forte a teoria do anexionismo – a ideia de que Cuba deveria se tornar um estado dos EUA – entre os intelectuais cubanos.

“Na verdade, a penetração norte-americana ajudara a diminuir os ritmos da desagregação da velha ordem colonial, pois as duas tendências convergentes de modernizar a colonização e de levar a colonização até ao fundo partiram dos Estados Unidos. (...) Quando essa ordem se vê ameaçada de uma desagregação final, os Estados Unidos bloqueiam o processo por meio de uma intervenção militar, da ocupação e pela negociação política-diplomática.” (FERNANDES, 2005, p.40)

¹ *Criollo* é como foi chamado o cubano fruto da miscigenação entre índios aborígenes, espanhóis e escravos africanos.

A guerra terminou em 1898 e Cuba se tornou um país independente da Espanha, mas com todo território nacional ocupado por bases militares estadunidenses. De 1902 a 1906, 83% dos produtos de origem cubana eram exportados aos EUA (SANTOS, 2001, p.182).

“Isso explica porque eles se retraíram diante dos progressos da revolução nacional (ao invés de aumentarem paulatinamente o seu envolvimento; e porque endossaram tão depressa e tão facilmente as exigências expressas pela Emenda Platt (aprovada pelo Senado dos Estados Unidos a 2 de março de 1901, convertida em apêndice da Constituição) e pelo Tratado entre Cuba e os Estados Unidos (assinado em 22 de maio de 1903). [É oportuno, aqui, lembrar que por essa emenda ficava reconhecido o “princípio de que o governo dos Estados Unidos podia intervir nos assuntos internos de Cuba” e que enquanto essas exigências não fossem aceitas continuaria a ocupação e o governo militar (cf. J. le Riverend, *La republica*, p. 24)” (FERNANDES, 2005, p.40 e 41)

É desse período o surgimento da base militar de Guantánamo, que ainda é motivo de conflito entre os dois países. Cuba é considerada a “chave do Golfo”, por ter fácil acesso marítimo ao Golfo do México, também à Europa e América através do Oceano Atlântico. Guantánamo, no extremo oriente do país é um ponto estratégico de deslocamento de tropas militares, armamentos e outro tipo de materiais estadunidenses.

Durante a primeira metade do século XX a presença dos Estados Unidos na economia e política cubana se intensificou. Cerca de 80% da indústria açucareira era de propriedade estadunidense, assim como a produção dos cítricos e a telefonia. Além disso, o embaixador dos Estados Unidos em Cuba era o considerado o segundo homem mais importante do país.

Essa interferência oficial dos Estados Unidos na política cubana só foi completamente rompida com a revolução socialista, em 1959. Cuba vinha há 12 anos em regime militar (Gerardo Machado e Fulgêncio Batista), com a tomada do poder pelo Movimento 26 de Julho, de Fidel Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos e Raúl Castro, todas as empresas do país foram estatizadas e as terras distribuídas na primeira lei aprovada pelo governo socialista: a Reforma Agrária.

2.2 O Bloqueio Econômico

As mudanças ocasionadas pela estruturação de uma sociedade socialista em Cuba geraram um conjunto de leis que impede a comercialização entre Cuba e Estados Unidos, além de prever sanções a terceiros países que comercializem com os EUA e com Cuba, chamado bloqueio econômico. Uma medida nunca antes imposta entre dois países e que dura 54 anos.

“Quem ousou desafiar os ditames estadunidenses pagou caro. Foi o caso do banco holandês ING, que entre os anos de 2002 e 2007 efetuou transações financeiras com Cuba. Em junho de 2012, o governo dos EUA, por meio do Escritório para o Controle de Ativos Estrangeiros (OFAC, na sigla em inglês) do Departamento do Tesouro, aplicou uma multa milionária ao grupo europeu de US\$619 milhões.” (Revista Caros Amigos, 2016, p. 5)

Até o início do bloqueio, em 1962, os Estados Unidos continuavam sendo os principais importadores de produtos cubanos: cerca de 72% de tudo que era produzido era destinado ao vizinho norte-americano.

"Este nível de investimento, o maior proporcionalmente da América Latina, considerando a dimensão geográfica cubana, significava o domínio de 42% da produção açucareira, 47,2% das terras dedicadas a esse cultivo, 90% dos serviços elétricos e telefônicos, 50% das ferrovias e 23% das indústrias não açucareiras." (MORENO, 1993, p.3, tradução minha).

Anualmente, o governo cubano divulga um resumo dos danos causados ao país pelo bloqueio. Até 2012, foram 245 milhões de dólares em prejuízo gerado pela falta de envio de medicamentos, impossibilidade de comércio com países mais próximos, etc (Disponível em: http://www.ecured.cu/Bloqueo_econ%C3%B3mico_contra_Cuba#Impacto). Por esse corte abrupto se decidiu abordar no documentário as mudanças causadas a partir do início do bloqueio, medida que marca praticamente todo o período de transição socialista do país.

2.3 Cuba e a URSS

Com o bloqueio econômico, o principal parceiro econômico de Cuba se tornou o campo socialista, responsável não só por boa parte das importações e exportações da ilha, como também pelo suporte técnico, enviando milhares de representantes soviéticos para

ajudar na construção do socialismo cubano. Durante a década de 1970 e 1980 viveu-se o auge econômico na ilha. Cuba erradicou o analfabetismo, tornou-se um país industrializado, com certa mecanização do campo e uma potência olímpica. Esse status só foi possível graças à relação com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que é desintegrada em 1991, após a aplicação da *Perestroika* e da *Glasnost*².

"O súbito desaparecimento do mercado do Conselho de Ajuda Mútua Econômica (CAME) supõe para Cuba a desarticulação de um mercado que em 1989 absorvia das exportações do país: 63% do açúcar, 73% do níquel, 95% dos cítricos. Em termos de importações, dependia de este mercado para 63% dos alimentos, 86% das matérias primas, 98% dos combustíveis e 80% das máquinas para a indústria. Em geral, desse mercado se obtinha 80 - 85% de todas as importações vinculadas direta ou indiretamente ao consumo da população" (MORENO, 1993, p.9 e 10, tradução minha).

Todo esse apoio acaba praticamente “da noite para o dia”, com o fim da URSS. Somente de 1989 a 1991 se estima que as importações de Cuba caíram 50% (MORENO, 1993, p.10). Cuba inicia os dez anos de maior dificuldade de manutenção do sistema, o chamado Período Especial.

Nessa época, a relação paradoxal entre os dois países volta a ter novos fatos históricos. Desde os anos 1990, Cuba aumenta a quantidade de importação de produtos estadunidenses através de terceiros países. Ao mesmo tempo, um dólar chegou a custar 150 pesos cubanos. É quando se torna necessária a despenalização da moeda estadunidense dentro da ilha. Até 1993, qualquer cidadão cubano que fosse encontrado portando dólares, ainda que tivesse sido presenteado, era preso. Apenas pessoas que ocupavam cargos oficiais e turistas estrangeiros tinham direito a manusear a moeda. Para eles, era possível fazer o cambio nos bancos nacionais ou fazer compras em lojas específicas “recolhedoras de divisas”.

A medida foi anunciada por Fidel Castro, em seu discurso de comemoração ao dia da rebeldia nacional, em 26 de julho de 1993. Ele afirma que é uma tentativa de aumentar a

² *Perestroika* e *Glasnost* são os nomes de dois planos econômico e político, respectivamente, implementados por Mikhail Gorbachev na União Soviética, a partir de 1985, no 27º Congresso do Partido Comunista Soviético. A *Perestroika* tinha como objetivo descentralizar a economia soviética, tirando o controle do Estado e abrindo a economia para o mercado internacional. Já a *Glasnost* instaurou o multipartidarismo nos processos eleitorais. Ambos planos criaram condições para que se instaurasse o sistema capitalista nas repúblicas soviéticas.

entrada de dólares no país – a moeda de maior circulação mundial – auxiliando no reaquecimento da economia. Por ter acontecido essa guinada na sociedade cubana, que o segundo momento abordado no documentário é o Período Especial, principalmente após 1993, com a liberação do dólar.

2.4 Atualidade

A relação política entre os dois países voltou a mudar em 17 de dezembro de 2014, dia em que os presidentes dos dois países anunciaram, simultaneamente, a retomada das relações diplomáticas, rompidas há 53 anos. O fato foi noticiado internacionalmente como o último pilar que restava da Guerra Fria. E esse foi um dos ganchos para a produção deste trabalho de conclusão de curso.

Há época havia muita expectativa com o que essa reaproximação poderia gerar para os dois países, com tanta proximidade geográfica e tamanha distância política. Alguns fatos já se desencadearam desde então, entre eles: a libertação de presos políticos nos dois países, a construção de embaixadas, a liberação de voos diretos dos EUA para Cuba, a liberação de importação direta de produtos estadunidenses, a visita de Barack Obama a Cuba, e o mais emblemático que foi a abstenção dos Estados Unidos na votação da moção contra o Bloqueio Econômico na Assembleia Geral das Nações Unidas. Durante cinco décadas, os EUA votaram contra a moção e a favor do Bloqueio, pela primeira vez na história os representantes estadunidenses mudaram o voto.

Entretanto, a incerteza e o bloqueio permanecem, inclusive, a premissa de que essa retomada de relações diplomáticas possa culminar no fim do bloqueio econômico ou no fim do socialismo cubano também divide opiniões no mundo. Esse debate volta a ter uma nova polêmica com a recente eleição de Donald Trump, do Partido Republicano, como presidente dos Estados Unidos.

Escolhendo esses três momentos históricos e abordando a partir da perspectiva de três famílias cubanas, acredito contribuir para uma aproximação do público com a realidade cubana e em fomentar o debate sobre a abrangência de detalhes das relações entre os dois países, para além da dualidade aliado/inimigo.

A opção da plataforma em vídeo se deu pela riqueza plástica das imagens feitas no país: a arquitetura histórica, carros antigos, dias constantemente ensolarados. Além de, novamente, perceber certa escassez em imagens que reproduzem o cotidiano cubano.

2.5 Escolha do tema

A escolha do tema se deu principalmente pelo interesse na história de Cuba, pela possibilidade de fazer um intercâmbio de estudos no país e por considerar insatisfatório e de caráter conservador o material jornalístico que é produzido no Brasil e nos estados da região Sul sobre esse país.

Outra questão é o paradigma de dois países, símbolos de sistemas políticos opostos e separados por apenas 145 quilômetros. A ideia de que sejam inimigos ferrenhos, mas que com uma balsa improvisada se pode cruzar a fronteira, romper com a distância geográfica, ideológica, cultural, tecnológica, é fascinante.

Também existem inspirações de caráter político e ideológico. Desde que entrei na universidade me envolvi com movimentos de esquerda e esses anos de militância me fizeram ter ainda mais interesse em conhecer o que ainda existe no mundo de experiência socialista. Entrevistar jovens da minha idade que nasceram em uma sociedade construída com base em outros princípios políticos – econômicos – éticos -- ideológicos foi também de grande aporte pessoal.

Além disso, essa barreira entre o “sonho americano” e o símbolo do socialismo está presente em grande parte das famílias cubanas, segundo o Instituto de Economia Cubano, cerca de 20% da população cubana, que emigrou, vive atualmente no estado da Flórida.

3. PROCESSO DE PRODUÇÃO

O gancho para a escolha da pauta foi a retomada de relações diplomáticas em dezembro de 2014, fato noticiado internacionalmente como “o fim do último resquício da Guerra Fria”. No mesmo dia que os dois presidentes iniciaram o processo, também foram libertos três dos cinco agentes de inteligência cubanos, presos desde 1996 por investigarem conspirações dos Estados Unidos contra Cuba. A combinação dos dois fatos reativou o tema Cuba *versus* Estados Unidos na imprensa e opinião pública internacional.

Pouco depois dessa data, veio a confirmação do intercâmbio para Cuba. Como sabia que estaria no país exatamente um ano depois da medida firmada em 17/12/14, decidi produzir um documentário em vídeo sobre esse tema.

Assim, o filme trata sobre três momentos históricos já citados, que buscam expressar as contradições presentes na história das relações dos dois países. A atualização da pauta foi feita através da comparação das respostas dos entrevistados à pergunta “Como você acha que pode estar as relações entre os dois países daqui um ano?” com os fatos que aconteceram desde o momento das filmagens (segundo semestre de 2015) até a data de apresentação do produto (dezembro de 2016).

A escolha por estruturar a narrativa com relatos de “cubanos comuns”, pessoas que não ocupam cargos nas estruturas governamentais ou mesmo no Partido Comunista Cubano se deu por acreditar que o discurso oficial é o único que consegue cruzar as barreiras internacionais e ter maior alcance, mas pouco se sabe sobre a opinião da sociedade cubana, sem que seja intermediada por um agente da Revolução ou, pior, por um meio / pessoa/ veículo claramente alinhado à defesa do Bloqueio e do ataque à sociedade cubana.

Com isso, não pretendo encontrar uma suposta “imparcialidade” na abordagem. Até por que não acredito que seres humanos, com toda sua subjetividade, possam ser completamente objetivos e imparciais. Tampouco tento esconder meu posicionamento político de defesa do processo revolucionário cubano. Mas a decisão foi para tentar fugir do material panfletário e não jornalístico e me aproximar de algo mais singelo, da essência dos cubanos e do que fez e faz a resistência do país durante mais de 50 anos.

Por ter consciência de que o tema é extenso e complexo, decidi combinar os relatos das famílias com entrevistas com profissionais – jornalistas, historiadores, cientistas sociais,

economistas, diplomatas, psicólogos – que estudam o tema ou com pessoas que por sua profissão puderam visitar outros países, incluindo os Estados Unidos – como atletas.

A combinação entre os dois tipos de vivências e conhecimentos do tema (famílias + especialistas) forma blocos de informação centrados em cada período histórico destacado. A divisão em blocos é também uma forma de facilitar a veiculação, venda e distribuição do documentário online.

A proposta construída foi de um filme não necessariamente conclusivo, até por que, trata-se de um tema que não chegou ao fim, continua suscetível a mudanças. A ideia foi apenas representar as mudanças que já aconteceram no país e o pensamento de alguns cidadãos cubanos em uma janela temporal. Acredito que com isso, produzi um material que poderá ser revisitado no futuro para se ter uma ideia da história de Cuba.

Para chegar a esse resultado, passei por um processo produtivo composto pelos seguintes momentos:

3.1 Pesquisa

Foi a primeira etapa, efetuada de junho a outubro de 2015, quando busquei estudar sobre a história de Cuba, da revolução socialista de 1959, do início do bloqueio econômico e as leis que foram emitidas desde 1962 até 2015, bem como conflitos políticos, ideológicos, econômicos entre os dois países.

Principalmente setembro de 2015, quando cheguei a Cuba, pude ter acesso a jornais e outro tipo de fontes nacionais, o que foi fundamental para a redefinição da pauta. Visitei arquivos da biblioteca nacional, provincial e também do jornal provincial *Guerrillero*. Além de dialogar com jornalistas e historiadores, que contribuíram para direcionar melhor a pesquisa.

De volta ao Brasil aprofundei mais a pesquisa em março, abril e maio de 2016, quando procurei novamente estudar técnicas de produção de documentários, com leitura de livros, textos e assistindo a documentários brasileiros e internacionais sobre o tema abordado no trabalho e outros que continham uma narrativa semelhante a que quis usar.

3.2 Delimitação do tema

Após a pesquisa prévia, pude delimitar a angulação da pauta. Inicialmente havia um interesse na história de Cuba, em trabalhar o estigma de inimizade entre Estados Unidos e

a ilha caribenha, também abordar a construção do socialismo no país, todo mistério que há em torno desse tema, as poucas informações, os estereótipos, entre outras questões.

Ainda antes do intercâmbio, junto ao professor orientador foram desenhadas duas possibilidades de documentário: abordar o impacto da retomada de relações diplomáticas a partir do cultivo do tabaco, considerando que Pinar del Río é o estado com maior e melhor produção da planta em Cuba; A outra opção seria traçar, a partir de entrevistas com cubanos comuns, os impactos do 17 de dezembro de 2014 nas suas vidas, desde aspectos sociais, culturais até econômicos e as expectativas para os anos futuros.

Chegando a Cuba, percebi que não havia polêmica entre a população cubana sobre a retomada de relações diplomáticas, principalmente porque não houve impacto imediato sobre suas vidas. Portanto, iniciei uma nova fase de pesquisas, que se estruturou em conversas com o professor orientador, professores universitários, jornalistas e moradores da cidade de Pinar del Río para ver a viabilidade de cada opção planejada e as novas possibilidades de abordagem da pauta das relações políticas – econômicas – diplomáticas entre Cuba e Estados Unidos.

Dessa maneira, escolhi por estruturar o documentário nos três períodos históricos já citados e fazê-lo a partir de entrevistas com famílias cubanas.

3.3 Recolhimento de arquivos e escolha de fontes

Nessa etapa, que foi desde o final do mês de setembro até a terceira semana de outubro de 2015, comecei a buscar na Biblioteca Nacional José Martí, Biblioteca Provincial de Pinar del Río, Arquivo Provincial e Municipal do Partido Comunista Cubano, Arquivo do Jornal Provincial *Guerrillero* e no arquivo do Instituto Cubano de Rádio e Televisão, por reportagens em jornais, revistas, arquivos de áudio e vídeo, que poderiam ser úteis para recriar o cenário de cada época.

Além disso, iniciei contatos com professores da universidade, vizinhos e amigos, que conhecessem e pudessem indicar fontes especialistas no tema (historiadores, economistas, jornalistas, entre outros) e famílias com três gerações vivendo na mesma casa. A abordagem de três gerações distintas de uma mesma família foi uma ideia que surgiu ao perceber um certo conflito geracional presente na sociedade cubana quando se discutem determinados temas, entre eles, a visão desses cubanos sobre os Estados Unidos. Essas opiniões distintas se

ção, porque também cada pessoa, com a sua idade e a sua geração, acompanhou as mudanças e presenciou a relação entre os dois países, a sua maneira.

Por isso também que os momentos históricos abordados no documentário vão ao encontro das três gerações escolhidas, no sentido de que foram acontecimentos de cada uma dessas épocas. Os avós entrevistados eram jovens quando triunfou a revolução e iniciou o Bloqueio, foram os únicos que viveram o antes e depois para poder contar. As mães e o tio entrevistados foram os nascidos no “baby boom” da revolução, que foi o fim da década de 60 e toda a década de 70, quando a economia de Cuba ascendia e as famílias aumentavam. Essa geração pôde acompanhar tudo que representou a União Soviética e ao mesmo tempo, foram os primeiros a nascer em uma Cuba socialista. Já os jovens, nasceram nos anos 90, durante o Período Especial, viveram em um país sem seu principal parceiro comercial, com muitas dificuldades em todos os aspectos da vida e acompanham a reaproximação com os Estados Unidos de uma outra maneira.

O que quis representar é essa dinâmica de divergências, de medo, de diferentes compreensões. Já que enquanto a maioria dos avós continua vendo os EUA como inimigos, que devem permanecer o mais distante possível de Cuba; seus filhos já os veem como vizinhos perigosos e a reaproximação como um mal necessário, que deve se ter cautela, mas que deve ocorrer; e os filhos destes, em geral, desejam um país mais próspero e acreditam que isso poderá acontecer com a normalização das relações com os Estados Unidos.

Também escolhi três famílias por precaução, já que há época a ideia era concluir o documentário com apenas uma. Os nove personagens foram escolhidos por suas características sociais (uma família com três mulheres, outra de pessoas negras, outra com um avô militar e todos formalmente militantes das organizações comunistas do país, mas sem uma militância ativa), pela interação que tinham entre si e pela abertura que demonstraram para conceder entrevistas.

Já no caso dos profissionais, foi priorizada uma diversidade de carreiras e de opiniões sobre o tema, para tentar equilibrar posições mais próximas da linha política do Partido Comunista Cubano e de outros setores que não estão totalmente de acordo com essa visão ou mesmo com o processo revolucionário que ocorreu no país.

3.4 Gravações

As filmagens iniciaram na última semana de outubro de 2015 e foram até meados de janeiro de 2016. Incluíram imagens gerais de pontos turísticos de Havana, Pinar del Río e

Santiago de Cuba. Além de retratar hábitos dos cidadãos cubanos, que são próprios daquele país, como a compra de produtos a granel nos mercados estatais; a alta concentração de pessoas nos parques públicos para ter acesso à conexão de internet sem fio; o transporte através dos bici-táxis, entre outras características.

Nesse mesmo período também foram filmadas as 21 entrevistas, com as famílias e profissionais especializados no tema. As entrevistas foram feitas com base em dois roteiros de perguntas distintos: um para “cubanos comuns” e outro para os especialistas. Tendo algumas perguntas extras ou outras excluídas de acordo com o andamento da captura de material.

O equipamento utilizado foi de aquisição própria: uma câmera Canon T5i com lente 18 – 35mm, um microfone lapela com captação de áudio mono e um tripé. Por contar com apenas uma câmera, em várias entrevistas busquei fazer perguntas extras ao final para poder captar planos detalhes ou outra angulação do personagem. No caso das famílias, sempre foi feito mais de um dia de gravação, o que possibilitou criar maior proximidade com os entrevistados e também a captação de imagens de apoio.

3.5 Transcrição de entrevistas, roteiro e seleção do material

A transcrição das entrevistas foi a metodologia que escolhi para auxiliar na construção do roteiro e na escolha dos materiais. Todas as entrevistas e imagens gerais foram revistas. Ao todo, foram acumulados 480 GB em arquivos de fotos e vídeos. Boa parte da decupagem (nomeação do material) foi feita quando encerrava cada gravação, ainda em Cuba, mesmo assim achei necessário rever o material para poder selecioná-lo com mais tranquilidade. Foi assim que decidi quais imagens gerais utilizaria em cada momento, pude saber quais imagens de cobertura ainda teriam de ser pesquisadas na internet ou em outros arquivos e, principalmente, decidir quais entrevistas ficariam fora do produto final. Foram realizadas 21 entrevistas e ao final selecionadas 13, sendo cinco especialistas e oito membros das famílias, completando 40 minutos de filme.

A escolha se baseou no conteúdo que cada entrevista continha, na capacidade argumentativa dos personagens, além da variedade de profissionais e seus pontos de vista. A ideia era tentar em cada bloco de informação trazer uma perspectiva empírica - com as famílias e, em certa medida, também com os especialistas – histórica, econômica e social ao cenário e situações relatadas.

Outro ponto levado em conta foi a duração do documentário. Sem dúvidas, se fosse um material com mais tempo de produção, mais equipamentos, poderia resultar num produto

final mais longo, até por que, o conteúdo existe, muitas entrevistas que ficaram de foram traziam ótimas análises, novos temas não mencionados nas selecionadas e renderiam um bom filme. Porém, creio que a falta de uma segunda câmera, de melhor qualidade de captação de áudio e até mesmo de cenários e enquadramentos mais bem preparados, poderia fazer com que o documentário final se tornasse pesado demais ou maçante, caso tivesse uma duração maior.

Essa etapa foi a mais trabalhosa e demorada, iniciou em março de 2016 e foi concluída somente em agosto. Foram aproximadamente 25 horas de entrevistas transcritas. Isso porque, ao mesmo tempo que transcrevi, também traduzi as entrevistas, para montar o roteiro e também já pensando nas legendas. Só depois das transcrições é que selecionei as entrevistas. Entendi que com o material transcrito poderia fazer uma montagem mais clara do roteiro e escolher os vídeos com mais precisão. Além disso, o que ficou de fora do documentário ainda pode ser utilizado em outras produções e tendo esses arquivos transcritos, facilita o uso futuro.

No roteiro, a principal preocupação foi em conseguir conectar uma entrevista à outra. No momento da transcrição já as dividi nos três momentos históricos abordados e iniciei o roteiro colocando as melhores falas de cada personagem das famílias, em cada bloco de informação. Esgotadas as entrevistas com as famílias é que parti para usar as transcrições de especialistas. Essa ordem se deu justamente pela prioridade em dar maior espaço aos “cubanos comuns”.

Depois de montar os três blocos apenas unindo partes das entrevistas, defini qual seria a ordem de apresentação deles: primeiro a atualidade com o 17/12/14; depois o gancho da volta dos três heróis cubanos para poder entrar no bloco do Período Especial; em seguida, falar sobre o Bloqueio; para finalizar com as atualizações da pauta – o que aconteceu desde a filmagem até hoje.

Por último, preenchi os espaços mal resolvidos da narrativa com textos em off, que desde o início já sabia que seriam fundamentais para, de maneira didática, explicar o tema; como também para deixar o documentário um pouco mais autoral.

Em realidade, além da ordem das entrevistas e dos offs, o roteiro não possui tantos detalhes quanto à cor, às músicas, o ritmo que eu pretendia dar no filme. Acredito que isso aconteceu por dois motivos: primeiro a inexperiência em grandes produções de vídeo; segundo o fato de ter feito todo o trabalho sozinha, o que não exige ter todas as ideias expressas no papel.

3.6 Edição e finalização

Depois de finalizado o roteiro, iniciei a montagem do documentário. A primeira versão tinha apenas 22 minutos, com a sequência de entrevistas pré definidas e uma edição de áudio e imagem no primeiro minuto. Em seguida, decidi adicionar mais informação, também gravei os textos dos offs (em português e espanhol), adicionei imagens de cobertura de arquivos, defini uma tratamento de cor para as entrevistas e outro diferenciado para algumas transições de blocos de informação; adicionei efeitos; trilhas sonoras; tratei a qualidade das imagens mais pixeladas; equalizei o áudio e o resultado final saiu.

Sem dúvidas foi o momento de maior aprendizagem e experimentação. Assisti a muitos tutoriais dos softwares de edição, testei cores, imagens, músicas, efeitos até chegar a algo que me agradasse e fosse mais próximo do que havia idealizado.

O plano sempre foi produzir um documentário com ritmo rápido, que não fosse cansativo, que com músicas latinas e cores quentes transmitisse a cara do Caribe e que fizesse uso de efeitos e mecanismos visuais mais modernos, fugindo do estereótipo de documentário de canais de história.

Depositei muita expectativa na possibilidade de tratar e garantir um nível mais profissional ao material capturado. Acredito que para ter avançado na qualidade, precisaria de mais tempo para, com criatividade, poder manusear melhor os softwares de edição e explorar toda a sua potencialidade.

3.7 Lista de fontes

- Caridad Nuñez de Sierra: Contadora aposentada;
- Carlos Akira de La Puente : Sociólogo e pesquisador do Centro de Estudos Hemisféricos e dos Estados Unidos;
- Efraim Echevarría Hernandez: Economista e professor da Universidade de Pinar del Río;
- Ernesto Domingues López: Historiador e pesquisador do Centro de Estudos Hemisféricos e dos Estados Unidos;
- Esteban Morales Domínguez: Economista, politólogo, professor de economia da Universidade de Havana e colunista do site Cuba Debate;
- Evelia Díaz Ordaz: dona de casa aposentada;
- Guillermo Martinez: oficial do Exército Militar Cubano aposentado;

- Jorge Bolaños Suarez: Ex diplomata cubano e atual professor do Instituto Superior de Relações Internacionais de Cuba (ISRI). Esteve em Washington, como representante de Cuba até 2011;
- Juan Carlos Rodriguez Diaz : Historiador do Museu Municipal de Pinar del Río;
- Juana Carrasco: Jornalista, chefe da editoria Internacional de um dos três jornais de circulação nacional em Cuba - *Juventud Rebelde*;
- Kátia Pérez Pacheco: Psicóloga e decana da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade de Pinar del Río;
- Lourdes González: Professora de história da Universidade de Pinar del Río;
- Mario Diaz Ordaz: Engenheiro Químico de uma empresa estatal cubana;
- Pedro Luiz Lazo: Jogador de Beisebol da seleção cubana;
- Omar Everleny: Economista e pesquisador do Centro de Estudos Econômicos de Cuba;
- Raúl Garcés Corra: Jornalista, presidente do Sindicato dos Jornalistas Cubanos (UPEC) e decano da Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana;
- Regla Díaz Hernandez : Ex diplomata cubana e atual professora do Instituto Superior de Relações Internacionais de Cuba (ISRI).
- Virgínia Miranda Martínez: Engenheira Civil, graduada na União Soviética, trabalha numa empresa estatal distribuidora de sementes;
- Zorileidys Pimentel Miranda: Estudante de jornalismo da Universidade de Pinar del Río.
- Yamile Fernandez: Dentista;
- Yarelis Barrios: Atleta olímpica – arremesso de peso;
- Yoannet Díaz Ordaz: Estudante de engenharia de telecomunicação da Universidade de Pinar del Río;

4. RECURSOS

Os recursos necessários para a realização do documentário incluem gastos com equipamentos, com deslocamento aéreo e terrestre e alimentação. Entre os equipamentos está a compra de uma câmera fotográfica profissional modelo Canon T5i, no valor de R\$1900,00; um microfone lapela mono, R\$100,00; um cartão de memória de 32 GB R\$150,00; um HD externo de 1 terabyte R\$500; um computador desktop, com 1 terabyte de HD e 5 gigabytes de memória ram, R\$2000,00.

O deslocamento aéreo de ida e volta Brasil - Cuba gerou o custo de R\$2400,00. O transporte terrestre entre as cidades de Pinar del Río, Havana e Santiago de Cuba foi cerca de R\$250,00. Os gastos com alimentação nas saídas para gravação giraram em torno de R\$200,00.

Despesas com alimentação durante a viagem de aproximadamente R\$1000,00. Além disso, calculando quatro meses de trabalho, cobrando mensalmente o piso salarial de jornalistas em Santa Catarina se somaria a essa conta R\$8400,00

Sendo assim, o orçamento total é de R\$16 900,00 e o custeio é próprio.

5. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

5.1 Apuração

Foi um momento importante para conhecer mais sobre a história de Cuba e também para aprender a ter autonomia na tomada de decisões em um trabalho meu. O período prévio à viagem foi de intensa leitura e busca por informação, já que parti de um momento sem nenhuma ideia ou perspectiva sobre o que fazer como TCC, para uma pauta, que surgiu logo após a confirmação do intercâmbio. Então, tive cerca de um mês e meio para apurar tudo que achava necessário antes de partir para a produção.

Ainda no Brasil, uma das principais dificuldades foi a de encontrar informações atualizadas e detalhadas sobre o que estava acontecendo na ilha caribenha na atualidade, principalmente pós retomada de relações diplomáticas. Já em Cuba tive que reaprender a fazer pesquisas utilizando outros meios que não fossem a internet, considerando que o acesso era extremamente limitado – tinha uma cota semanal na universidade de 300 megabytes de dados e fora isso tinha que pagar por dois dólares a hora por uma wifi lenta, que poderia ser usada nas praças públicas.

Durante o primeiro mês em Cuba pude perceber na prática ensinamentos que eram muitas vezes ditos em sala de aula, como a importância do contato com as fontes. Isso se expressou de várias formas. Primeiro no contato com vizinhos, amigos, etc. Sempre me preocupei em falar com o maior número de pessoas possível e buscava perguntá-las sobre temas que iria abordar no meu documentário, sem que necessariamente elas soubessem que isso já fazia parte da apuração. Isso ajudou a me ambientar no tema, na sociedade cubana e também a vislumbrar novos contatos, novas fontes.

Havia outras que eu sabia que poderiam me ajudar com informações e também a acessar determinados arquivos, com os quais eu podia ser mais aberta ao dizer que precisava da sua ajuda para o meu trabalho de conclusão de curso. Muitas dessas também foram minhas segundas, terceiras ou quartas opções de entrevistados.

Já com as pessoas que eu sabia que queria entrevistar foi importantíssimo estabelecer uma relação cordial e de confiança. Participar da cotidianidade dessas pessoas, mostrar-me interessada em saber mais sobre suas vidas, fazer com que elas também tivessem interesse em mim, em me ajudar, em colaborar com o documentário, e que acima de tudo, soubessem que eu tinha muito respeito por elas.

5.2 Produção

Já nas primeiras filmagens esbarrei na debilidade dos equipamentos: 1) cabo do microfone muito curto (tive que pedir que me enviassem uma extensão do Brasil); 2) cartão de memória insuficiente (que também pedi um novo na encomenda brasileira); 3) necessidade de uma bateria extra (na primeira entrevista tive que parar para carregar a bateria da câmera). Sem dúvida esse foi o aspecto que mais negligenciei. Achei que com equipamentos básicos poderia fazer um bom trabalho – isso também se deu pela falta de recursos para comprar materiais e pela impossibilidade de emprestar algo do curso de Jornalismo, já que eu ficaria cinco meses fora do país. Mas hoje, analisando o resultado final, vejo como faria diferença se eu tivesse melhores equipamentos: outras lentes, uma segunda câmera, um segundo tripé, um microfone com captação stereo, entre outros.

Outro fator foi a dificuldade no contato com determinadas fontes acadêmicas - nessa hora aprendi que algumas fontes exigem uma postura mais formal desde o primeiro contato para dar credibilidade ao nosso trabalho. Também foi difícil encontrar fontes mulheres que falassem sobre o assunto. Na lista inicial que fiz com o co-orientador cubano não havia nenhuma mulher, tive que buscar bastante para encontrar pessoas qualificadas e que estivessem no trajeto Pinar del Río – Havana.

Já no contato com as famílias, o maior problema foi com um certo boicote às entrevistas, por timidez e também por falta de compreensão do processo produtivo do documentário e do curto espaço de tempo que eu tinha para executá-lo. Mais de uma vez consegui marcar apenas uma data para as entrevistas, que acabavam demorando um pouco e já o último entrevistado tive que gravar com uma iluminação ruim. Esse problema já era esperado, mas pensei que conseguiria superá-lo melhor com as visitas prévias. Em todos os casos fui às casas das famílias pelo menos duas vezes antes de gravar as entrevistas: a primeira visita para apresentar o trabalho e saber se elas gostariam de participar; a segunda para fazer imagens do seu cotidiano, conversar um pouco mais sobre temas variados e então agendar a entrevista.

Na casa onde tive mais abertura, que foi com a família de Virgínia e Zorileidys decidi dar mais tempo para captar as imagens com mais qualidade. Por isso, em um dia gravei as entrevistas com Zori e Virgínia e agendei para outra data a entrevista com o avô Guillermo. A decisão foi porque as duas primeiras entrevistas haviam sido muito boas, também porque já estava sem bateria e havia passado o dia na casa da família, então a última entrevista teria que fazer à noite. Nas tentativas de remarcar tive problema com o tempo, por ser dezembro, foi

um mês chuvoso e também atribulado pelas festividades de final de ano. Quando por fim pude regressar à casa para filmar com Guillermo, já em janeiro, soube que ele havia sofrido um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e por isso tinha muita dificuldade de se comunicar.

Durante uma tarde inteira fiz várias tentativas, em nenhuma delas Guillermo conseguia completar frases simples sem gaguejar ou esquecer o que iria dizer. Por esse motivo, não pude utilizar sua entrevista no trabalho final. Até esse momento eu ainda tinha a ideia de usar apenas uma família como o eixo central da narrativa, e essa família era a de Zorileidys, por todas as suas características: o avô militar aposentado, lutou durante a revolução; a mãe engenheira formada na URSS e que trabalhou no CAME; a filha estudante de jornalismo, com namorado e pai vivendo nos EUA. Depois do incidente com Guillermo fui obrigada a mesclar o material das três famílias.

Uma outra questão que pude observar também foi uma certa mudança de discurso na frente e por trás das câmeras, principalmente por parte dos jovens. Praticamente todos que tive contato (colegas da faculdade, amigos e entrevistados) tinham muitas críticas ao sistema socialista e pareciam muito esperançosos com a reaproximação dos dois países. Em minha opinião, muitas vezes, de maneira idealizada e romântica. Entretanto, no momento da entrevista expressavam opiniões mais contidas e/ou equilibradas.

Por ser um documentário, desde o início já me preocupei em poder ter acesso a documentos, materiais históricos que pudessem recriar cada época e dar credibilidade às informações que eu fosse divulgar. O fato de que Cuba sempre sofreu com ataques da oposição de todos os tipos, mas principalmente midiático, fez com que o país recrudescesse e dificultasse o acesso a diversas informações para os cidadãos cubanos e ainda mais para estrangeiros.

Por isso, não escapei das barreiras burocráticas dos órgãos estatais. Foi muito difícil ter acesso a arquivos que eu sabia que existiam, como por exemplo: o vídeo original do discurso de Fidel Castro no dia 26 de julho de 1993, quando ele anuncia a despenalização do dólar americano no país. Pude encontrar o texto original – que usei no documentário –, mas o vídeo ou mesmo o áudio do discurso eu não recebi a autorização do Instituto Cubano de Rádio e Televisão (ICRT) para copiar.

Essa restrição serve também para os dados. Existe uma série de dados e resultados de pesquisas feitas no interior do país, por órgãos estatais, que não são divulgados para o público. Algumas informações são repassadas a pesquisadores, professores universitários, enfim, profissionais de determinadas áreas que são afetadas por aquele estudo, mas estes dificilmente repassam essa informação/dado adiante. Um exemplo é o valor de quantos

dólares Cuba recebe anualmente nas remessas em dinheiro enviadas a partir dos Estados Unidos. Muitos economistas apresentam estimativas, mas não existe um dado oficial que confirme isso.

Na sequência, já de volta ao Brasil, com todo material em mãos, percebi que ainda tinha muito trabalho pela frente. Foi um desafio aprender a lidar com tanta informação, a pensar em como organizar, o que fazer primeiro e como fazer. Também nesse mesmo tempo fui me reaproximando dos softwares de edição, assistindo a tutoriais e testando. Esse processo poderia ter sido menos demorado se eu já estivesse mais preparada para lidar com produções de longa duração.

Também foi difícil para mim equilibrar vida pessoal, profissional e acadêmica. Acredito que esse é um dos maiores aprendizados da produção de um trabalho de conclusão de curso. Você aprender a tomar decisões e assumir as consequências disso. Aprender a assumir um trabalho seu, no qual tudo irá depender de você, das suas escolhas e do seu envolvimento. Acho que é nessa hora que começamos a sentir o peso da transição de estudante para profissional e a nos reconhecemos como jornalistas de fato.

6. REFERÊNCIAS

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: Técnicas para uma Produção de Alto Impacto**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BOSCH, Carles; DOMENECH, Josep Maria. **Balseros: A história do êxodo**. Espanha, 2002, 120 minutos.

COUTINHO, Eduardo. **Cabra Marcado Para Morrer**. Paraíba, 1984, 115 minutos.

_____ **Edifício Master**. Rio de Janeiro, 2002, 110 minutos.

CUEVAS, Eduardo Torres; VEGA, Oscar Loyola. **Historia de Cuba: 1492 a 1898**. Havana: Editorial Ciencias Sociales, 2005.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido: Tradição e Transformação do Documentário**. Azougue, 2004.

ESPÍN, Alejandro Castro. **Estados Unidos: El precio del poder**. 1ª Ed. Havana: Capitán San Luis, 2015.

FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana**. 4ª Ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

LUIS, Julio García. **Revolución, Socialismo, Periodismo: la prensa y los periodistas cubanos ante el siglo XXI**, 1ª Ed., Havana: Pablo de la Torriente, 2013.

MOORE, Michael. **Tiros em Columbine**. Estados Unidos, 2002, 114 minutos.

MORAIS, Fernando. **A ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro**. 18ª Ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1981.

_____ **Los últimos soldados de la Guerra Fría: La historia de los agentes secretos infiltrados por Cuba em organizaciones de extrema derecha en Estados Unidos**. 1ª Ed. Havana: Arte y Literatura, 2012.

MORENO, George Carriazo. **Las relaciones económicas Cuba - Estados Unidos: una mirada al futuro**. Havana, [s.n], 1993.

NABUCO, Aray. **Desafios de Cuba**, Edição Especial Revista Caros Amigos, maio de 2016.

SANTOS, Oscar Pino. **Los años 50**. Havana: Instituto Cubano del Libro, 2001.

SILVA JUNIOR, José Djalma. **Educação em dois tempos: O ensino em período integral no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - Campus Camboriú**. Projeto

de Trabalho de Conclusão de Curso. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

SODERBERGH, Steven. **Che 2: A Guerrilha**. Espanha, Estados Unidos, França, 2008, 257 minutos.

TAVARES, Camilo. **O dia que durou 21 anos**. Brasil, 2012, 77 minutos.

WATTS, Harris. **On Camera**, Londres: Summus, 1984.

ANEXO A: ROTEIRO

ROTEIRO DOCUMENTÁRIO: ILHADOS

Michele de Mello

Tempo estimado: 45 minutos

Família 1:

Virgínia - 54 anos, engenheira civil

Zorileydy - 22 anos, estudante

Família 2:

Evelia- 90 anos, costureira aposentada, avó.

Mario - 62 anos, engenheiro químico, filho de Evelia e tio de Yoannet.

Yoannet - 22 anos, estudante de telecomunicações, neta de Evelia, pais em missão internacional

Família 3:

Caridad - 70 anos, contadora aposentada, avó.

Lourdes - professora universitária, 49 anos

Yamile - dentista, 28 anos

Especialistas:

Efraim Echevarría Hernandez - professor de economia UPR

Ernesto Domingues Lopez - Historiador Centro de Estudos de Relações entre Cuba e EUA

Jorge Bolaños - Ex embaixador

Juana Carrasco - Jornalista, editora de Internacional do jornal Juventud Rebelde

Katia Pérez - psicóloga e decana faculdade de Ciências Humanadas UPR

Omar Everleny - economista Centro de Estudos Econômicos Cubano

	<p>VINHETA 30'</p> <p>Música:</p> <ul style="list-style-type: none"> - taxi dólar 2 - detalhe carro antigo e bandeira de cuba (Pinar) - MV_1214 - Jorge Bolaños - 1'15'' <p>"Na realidade, a história de Cuba e Estados Unidos está caracterizada pelo interesse dos Estados Unidos de se apossar de Cuba."</p> <ul style="list-style-type: none"> - bandeira EUA - monumento camilo e che <p>geral 2</p>
--	---

<p>Logo nome documentário</p>	<p>- bicitáxi (Santiago) - MV_1233 - Juana Carrasco - início "Eu creio que em determinados momentos temos sido inimigos, claro, digamos que agora somos adversários, que são duas categorias, não?" - mulher pesando e entregando arroz (Pinar) - senhoras caminhando - malecon</p> <p>1° Bloco (5'03'') Imagens do 17/12/14: Avião pousando, discurso de Obama e Raúl, reabertura da embaixada cubana nos EUA, print screen de notícias;</p> <p>OFF: MV 1719 - Virgínia -0 - 51'' - <u>"...Esse para mim é um dia histórico, um dos mais históricos. Não só para os dois países, mas para o mundo inteiro, porque que Cuba e Estados Unidos decidam-se sentar para dialogar, isso dá uma esperança de que um futuro melhor é possível."</u></p>
<p>17 de dezembro de 2014</p>	<p>OFF: MV 8892 - Mario - 7'40'' - 8'20'': <u>"Esse dia minha mãe me ligou no trabalho. Eu estava no trabalho e pela manhã, e minha mãe me ligou e disse que iriam passar uma declaração importante na hora do almoço. Escute-me, esse momento foi histórico, paralisou o país, porque todo mundo viu a declaração. Se anunciou umas horas antes que os dois países iam fazer uma declaração simultaneamente e nesse</u></p>

	<p><u>momento, Cuba inteira ouviu."</u></p> <p><u>OFF: Em 17 de dezembro de 2014 foram restabelecidas as relações diplomáticas entre Cuba e Estados Unidos, que haviam sido rompidas há 53 anos.</u></p> <p>MV_1185 - Caridad - 1'49'' "Isso foi impressionante porque foi dito que Raul ia dar uma notícia. Na verdade, não se sabia o que era. O primeiro foi a liberação dos três heróis que estavam lá. Não havia esperança que os libertassem, porque havia pena de até prisão perpétua. Eu creio que poucas pessoas não choraram nesse dia, mais que pelas relações de Cuba com EUA, creio que essa foi uma coisa impactante, o fato de que eles voltaram."</p> <p>APRESENTAÇÃO FAMÍLIA CARIDAD</p> <p>MV_1718 - Virgínia - 1'15'' "Eu também me emocionei muito por ver pela primeira vez um presidente dos Estados Unidos falando de abrir as relações com Cuba, mas ver também nosso presidente falando de abertura econômica, que podíamos conviver, porque quem não tem em Cuba um familiar nos Estados Unidos? Então esse é um modo de que as famílias cubanas fiquem felizes. Eu pelo menos o primeiro pensei na família, pensei 'ah minha filha vai poder ver o pai' e não sei, ia poder estar com ele, nas férias. E depois pensei, economicamente, ainda que seja só algo, temos que</p>
--	---

	<p>melhorar. Pelo menos já cessa essa Guerra Fria."</p> <p>APRESENTAÇÃO FAMÍLIA VIRGÍNIA</p> <p>MV_1013 - Yoannet - 3' "E todas as mudanças que eu pensei que iriam demorar eu comecei a ver acontecer, coisas tangíveis. Coisas que estão acontecendo e que me fazem crer que sim vão acontecer mudanças substanciais em pouco tempo."</p> <p>APRESENTAÇÃO FAMÍLIA YOANNET</p> <p>Imagens das três famílias</p> <p><u>OFF: Assim como Virgínia, Zorileidys, Yamile, Lourdes, Caridad, Evelia, Mario e Yoannet, famílias cubanas inteiras, vivendo no mesmo lar, acompanharam as mudanças nas relações entre os dois países durante as últimas 5 décadas.</u></p> <p>MV_1215 - Jorge Bolaños - Início até 1'34'': "O fracasso, o fracasso de sua política de render Cuba. Deram-se conta de que não podiam render Cuba e se deram conta de que não puderam ilhar Cuba e sim eles que estavam ilhados pela a comunidade internacional."</p> <p>MV_1120 - Ernesto - 7'25'' - 11'35'': "Para todo mundo em Cuba, salvo para aqueles que estavam envolvidos diretamente com as negociações sigilosas, isso</p>
--	---

foi uma absoluta surpresa. Pode ser que encontres alguém dizendo que 'sim, se via que isso ia acontecer' essa pessoa está mentindo. [...]

E muito importante é que isso significou para Cuba um momento de reajuste, não só dos processos bilaterais, mas também um reajuste interno em Cuba. Por que de repente os estadunidenses que até o 16 de dezembro à noite ou até o 17 de dezembro até 11h59 da manhã eram os inimigos históricos de Cuba. De repente estabelecemos contato com eles, de repente acordamos em restabelecer relações diplomáticas, estou falando de alguns meses, não? E vamos começar esse novo processo, novo fenômeno de normalização das relações. A segunda parte de isso é: o que significa essa normalização? Essa é uma boa pergunta."

MV 1121 - Ernesto - 10' - 2'17'' :

"Isso está gerando um interesse maior e visitas que duram mais tempo, provenientes de pessoas de outras partes do mundo, que de repente se interessaram por Cuba. Não necessariamente por Cuba, alguns deles sim, mas outros querem ver Cuba antes que cheguem os americanos. 'Olha, os Estados Unidos vão começar a fazer negócios em Cuba, temos que apurar, para consolidar o que temos antes que cheguem os americanos'.

	<p>“</p> <p>MV_1266 - Omar - 5'33'' - 6'54''</p> <p>Entre Cuba e Estados Unidos sempre houve uma mística, sempre se diz que é uma relação de amor e ódio. Realmente Cuba tem uma cultura ocidental, Cuba tem quase 2 milhões de cubanos que vivem nos Estados Unidos, ou seja, cerca de 12% das famílias cubanas tem membros no exterior, ou dizendo de outra maneira, 12% dos cubanos estão no exterior, quase todos estão nos Estados Unidos.</p> <p>MV_1167 - Lourdes - 3'40 - 4'20</p> <p>“Uhh, muitos, muitos, muitos, talvez centenas ou milhares de cubanos que vivem nos EUA, que ainda que não sejam família ou amigos seus, são familiares e amigos de outros amigos teus e assim sucessivamente. Se entras no Facebook ou em outras redes sociais você vai se dar conta que existem muitas pessoas que você deixou de ver há muito tempo, que não sabes onde estavam. E quando investigas ou quando de maneira accidental entrar numa rede social, vocês se dá conta que a pessoa se foi há muito tempo aos Estados Unidos ou que se foi para outro país e desse país continuou sua vida nos EUA.”</p> <p>MV_1715 - Virgínia - 8'48'' - 10'</p> <p>“Difícil, difícil, estou falando pelo que me dizem, no sentido que há que</p>
--	--

<p>Período Especial (1990 - 2000)</p>	<p>trabalhar e trabalhar de verdade. Então, o cubano como todo imigrante, porque não há nada como sua terra. Na sua terra, você estar e não estar de acordo, mas pelo menos todos tem o mesmo direito e não podemos nos enganar. Um residente cubano nos Estados Unidos não tem o mesmo direito que um cidadão americano, inclusive um cubano com cidadania tem a nível estatal os mesmo direitos, mas a nível social sempre vai estar exposto à xenofobia. [...]</p> <p>Ou seja, eu vejo que pelo que escuto, é difícil a vida, tem que trabalhar 7 dias na semana e trabalhar 12 horas, tem que pagar tantas coisas, há tantas leis...</p> <p>MV 1184 - Caridad - 4'10'' - 5'20''</p> <p>Se sabe que Estados Unidos é um país desenvolvido, e eu imagino que até os que se vão de aqui tem melhor vida que aqui, tem o indispensável, aí a sua mão. Estados Unidos é um país que creio que não se pode comparar com nada, porque ainda que tu não seja rico...</p> <p>Imagino que o cubano que vai, não pode ficar doente, porque tenho amizades aqui, que o problema fundamental tem sido ficar doente lá, que significa estar endividado toda uma vida. Indiscutivelmente, é um país onde há muito mais recurso, que não se pode comparar.</p> <p>MV 1724 - Zori - 4'30'' - 5'</p>
---------------------------------------	--

	<p>“Para mim, Estados Unidos é um país igual que qualquer outro. Cada país tem suas próprias regras, seus próprios costumes, suas próprias tradições, realmente o problema de Cuba e EUA tem sido histórico, mas para mim Estados Unidos é como se fosse China, Espanha, Brasil, qualquer país, porque é uma nação igual que qualquer outra. É um país mais desenvolvido do mundo, uma ótima economia, tudo o que queremos dizer, mas é uma país e nada mais.”</p> <p>9'25''</p> <p>[Sobre ir morar em outro país] “Jamais, ainda que meu pai e meu namorado estejam em Estados Unidos. De fato, quando meu pai se foi ele queria que eu fosse com ele, mas eu disse que não. Por que eu gosto de Cuba.”</p> <p>MV_1199 - Yamile - 5'15'' - 7'</p> <p>“Nada, é um país normal, como outro qualquer, o que acontece é que não esse governo propriamente dito, senão outros governos tem feito leis, coisas que tem prejudicado o povo cubano, mais que outras pessoas. Então penso que a política de EUA, como a política de Cuba, está bem traçada até um caminho que eles querem alcançar. Então em função disso é que atuam e não vai ser bom nem mau, um com ideias mais progressistas, outros com ideias mais repressivas ou de repressão para Cuba</p>
--	---

	<p>MV_ 1165 - Lourdes - 8'30'' Sem dúvidas, a política dos EUA em relação à Cuba tem sido uma política genocida. Isso está reconhecido oficialmente e quem não o reconhece, creio que não o tem claro para si, independente do que pode pensar, porque tem sido uma política fascista contra nosso país. (...) Historicamente existiram administrações mais ou menos reacionárias com Cuba, mas a política sempre se moveu da mesma maneira. Sua política tem sido uma política pragmática, não importa o meio que usem, mas o que querem alcançar é o fim do socialismo em Cuba e de destruir a Revolução Cubana."</p> <p>MV_ 1182 - Caridad - Início até 27'' "Eu nunca tive uma boa opinião sobre o governo dos EUA, nunca me convenceram. Não o povo, porque na verdade, o povo não tem culpa de nada. Mas do governo não, sou como o Gerardo Hernández, dos 5 heróis, que nunca confiei nos Estados Unidos (risos)."</p> <p>Imagem dos cinco heróis reunidos novamente</p> <p><u>OFF: Além do novo acordo diplomático, em 17 de dezembro de 2014, os Estados Unidos liberaram os últimos 3 dos 5 heróis, presos por espionagem, desde 1996,</u></p>
--	---

<p>Discurso de Fidel 26 de julho de 1993</p>	<p><u>durante o Período Especial.</u></p> <p>2º Bloco (6')</p> <p>MV_1183 - Caridad - 29'' 2'15''</p> <p>"O que mais senti de mudanças com o período especial foi que antes se podia fazer tudo que queria, suprir todas as necessidades, pelo menos as mais imprescindíveis, podia ir a um hotel, podia ir a uma praia, e quem trabalhava podia ir e comprar o que quisesse, porque havia de tudo nas lojas. E quando houve o período especial, tudo isso desapareceu. Então, sentimos muito. Desde que nós sentimos, porque Fidel falava com o povo, que o campo socialista havia desaparecido, sobretudo a URSS, nós sabíamos que o vinha para cima de nós seria algo grande."</p> <p>MV_1220 - Jorge Bolaños - Início até 2'56'' : "Sentiu porque era nosso cordão umbilical, por ali recebíamos a tecnologia que perdemos dos Estados Unidos, do financiamento, do comércio que perdemos, o turismo que recebíamos dos Estados Unidos. Tudo, tudo que antes nos davam eles, o campo socialista nos dava, [...]O PIB caiu em quase 35%, da noite para o dia."</p> <p>MV_1183 - Caridad - 2' "Eu não gostava do fim do campo socialista, nem da despenalização do dólar, porque sabíamos que isso ia</p>
--	---

	<p>trazer muitas diferenças de classe, como vemos hoje."</p> <p>MV_1160 - Lourdes - 11'30'' - 12'22''</p> <p>"Eu sempre digo que Cuba nesses anos viveu o seu esplendor, a partir do meio em que se encontrava, por ser membro do sistema socialista mundial, o qual estava composto pelos países da Europa do Leste, sobretudo, e bom, a União Soviética, que era um amigo solidário, entranhável, e que no marco de toda essa política do bloqueio, desde os anos 70, 80 teve determinadas políticas preferenciais com Cuba. Ou seja, os Estados Unidos desenvolviam um bloqueio férreo contra nosso país, mas a URSS, por outra parte, com eles tínhamos uma política de preços especiais, ou seja, a URSS nos intercambiava produtos. Cuba lhes dava açúcar e recebia petróleo.</p> <p>12'48'' - "Ou seja, sem dúvidas, os anos 80 foram anos de um processo de melhoramento desde o ponto de vista econômico, a partir da integração de Cuba ao sistema socialista mundial e a...</p> <p>MV_1161</p> <p>...integração ao Conselho de Ajuda Mútua Econômica, o CAME, ao qual éramos membro e claro, um dos objetivos do CAME era tratar de estabilizar, alinhar o desenvolvimento econômico dos países que formavam parte dele e nós éramos um deles. Por isso, a situação</p>
--	--

	<p>de Cuba era favorável, em relação à política do bloqueio que os Estados Unidos nos impunham. (...) Nós burlávamos o bloqueio desde a percepção de buscar a solução por terceiros países"</p> <p>MV_1419 - Kátia - 48'' - 3': "Então, é simples, nossos avós cresceram comprometidos com a revolução, amando a revolução, porque quando ocorreu havia uma necessidade sentida - popular, social - imensa de mudanças. O país estava vivendo uma tirania, portanto a lealdade política e ideológica se manteve, ainda mais, eles viram revolução se edificar, crescer. Há uma geração posterior, a que eu pertenço, que já cresceu com a revolução triunfada e que se formou com essa estrutura também ideológica, que herdamos dos que construíram a revolução, dos que viveram aquele momento. E há uma geração atual, que eram jovens no período especial ou pequenos, que o que sentiram naquele momento de nós que somos os seus formadores foi o que eu te dizia antes: foram muitas ansiedades, muitas angústias."</p> <p>MV_1708 - Virgínia - 2' Já nessa época eu era uma trabalhadora, de uma empresa particular, que sentiu forte esse impacto. Eu trabalhava em um combinado eletrônico, onde o primeiro mercado era</p>
--	---

	<p>o campo socialista. Ao cair e o fato de não poder importar ou exportar para um país da América Latina, e até mesmo para os EUA, o nosso veio abaixo. Como combinado começamos a fazer produções que nada tinham que ver com eletrônica. Desde fogões de carvão até presilhas de cabelo. Já aí você começa se chocar com o que é o bloqueio e essa política de isolamento que tem conosco.</p> <p>Em paralelo com isso é que tenho Zori, que eu pari. Eu nasci com o bloqueio e pari em pleno período especial (risos), porque pari no ano 1993. Muito difícil a situação econômica do país.</p> <p>MV_1161 - Lourdes - 3': [Sobre 1993] "Um ano muito difícil, um ano de alumbros e não de apagões, nós dizíamos, porque a maior parte do tempo tínhamos as luzes apagadas, porque não havia petróleo para gerar."</p> <p>MV_1165 - Lourdes - 4'30'' 5'20'' "Eu nessa época ganhava 310 pesos, era o que mais se ganhava um profissional, (...) E bom, imagine que 1 dólar chegou a valer 150 pesos, ou seja, o que eu ganhava eram 2 dólares e algo."</p> <p>MV_0890 - Mario -10'50'': "Não alcançava o sabão, porque o Estado não tinha para oferecer. Havia pessoas que não podiam tomar banho com sabão, tinham que banhar-se somente com água,</p>
--	--

com invenções com ervas. Eu então comecei a fazer sabonetes. Lembrei que eu era químico e busquei os produtos, nesse caso era necessária soda cáustica e gordura.

MV 8891 - Mario - Início até 17'':

"É uma reação que se faz e fica perfeito, não como o que se vende nas lojas, mas servia para se banhar. Havia vezes que me excedia um pouco na soda cáustica e coçava um pouquinho, mas não tem problema, tomávamos banho. (risos)"

MV_1161 - Lourdes - 8'50'':

"Foram tomadas medidas como a despenalização do dólar, ou seja, no ano 1993, Fidel no discurso de 26 de julho, apresenta que se vai tomar uma medida que ele considera que vai ser uma medida que vai atrair como resultado, como consequência, uma diferenciação social, ainda mais profunda na sociedade cubana, mas havia que tomá-la, porque era uma questão essencial para o país, a despenalização do dólar."

OFF DISCURSO FIDEL: Algumas medidas faladas, conduzem a isso, entre elas a famosa despenalização das tenência de divisas em dólar. Somente essa palavra, somente essa frase criou uma grande quantidade de especulação e de rumores. É uma das medidas para melhorar a entrada de divisas convertíveis.

	<p><u>Outra medida encaminhada com esse fim é uma maior abertura ao investimento de capital estrangeiro.</u></p> <p><u>Quem nos diria Schafick? Nós tão doutrinários e tanto que combatemos o investimento de capital estrangeiro, vê-lo agora como uma necessidade imperiosa ao desaparecer o campo socialista, de onde recebíamos fábricas, créditos, montes de coisas e de onde agora não recebemos nada.</u></p> <p><u>Maior abertura para investimentos estrangeiros é uma das fórmulas que hoje temos dentro da difícil situação que afrontamos.</u></p> <p>MV 1265 - Omar - 1'16'' - 6'16''</p> <p>"Tivemos que despenalizar o uso do dólar, tivemos que introduzir o dólar na economia cubana, porque muitos dos cubanos que haviam emigrado nas primeiras ondas dos anos 60 poderiam haver ajudado seus familiares enviando remessas, mas em Cuba não se deixava manusear o dólar. Então é como se o Estado vê a necessidade de abrir as lojas que aceitam dólares para recuperar a entrada de dólares e poder mover, porque estávamos realmente sem crédito, sem dinheiro, sem um mercado para nossas exportações."</p> <p>9'25''</p> <p>" Se comparamos com agora foi um impacto pequeno, mas</p>
--	---

	<p>foi impacto pequeno que permitiu que Cuba tivesse acesso a mais ou menos 1 milhão de dólares..."</p> <p>MV_0890 - Mario - 5'30'' - 7'20''</p> <p>"Se te ofereciam um dólar tu não podias aceitar. Havia pessoas que vinham de visita, assim como você, que te presenteavam algum dinheiro e você não podia pegar. Se pegavam com dólar você era preso. Houve amigos meus que foram presos. Se querias ter esse dinheiro, para comprar algo escondido e alguém te delatava ou a polícia te pegava, automaticamente você ia para a prisão.</p> <p>3° Bloco</p> <p><u>OFF: A década do Período Especial foi quando mais se sentiu o Bloqueio, que na verdade, é um conjunto de leis estadunidenses que impedem qualquer tipo de tramite comercial entre Cuba e Estados Unidos, além de penalizar outros países que se relacionem economicamente com a ilha.</u></p> <p>Imagens: Jornais, imagens antigas de filmes - Balseros, etc</p> <p>MV_1117 - Ernesto - Início até 2'40'' :</p> <p>"O verdadeiro ponto de inflexão é 1959, porque durante o período que antecedeu, vamos colocar o período de 1934/1935 até 1959, Cuba tinha todos os aspectos para ser chamada de uma colônia dos Estados</p>
--	--

	<p>Unidos. [...] Evidentemente, havia um vínculo em âmbito político nesse período, sem que houvesse um marco legal, que legitimava, legalizava a intervenção estadunidense, mas se via a um nível de influência importante, de relações estreitas governamentais e o mais importante havia um intensa relação no âmbito econômico, porque primeiro o grande volume de investimento estadunidense em Cuba, que havia praticamente em todos os âmbitos. Estamos falando em investimentos na esfera dos serviços, por exemplo, telefonia, empresas de eletricidade."</p> <p>3'47'' - 6' - O bloqueio começa oficialmente em 1962, com a assinatura do ato presidencial 34447, do famoso John F. Kennedy.</p> <p>MV_1265 - Omar - 16'' - 1'11'': "...Se tivesse que te dar uma cifra, eu posso dizer que mais de 85% do nosso comércio exterior se realizava com os Estados Unidos, porque Cuba era e, segue sendo, a geografia não pode ser mudada, um país muito próximo dos Estados Unidos. Portanto era muito econômico para Cuba fazer importações dos Estados Unidos e exportávamos para os EUA açúcar, bebida, cítricos, café, produtos vegetais e de lá importávamos quase todos os produtos manufaturados."</p>
--	--

	<p>MV_0889 - Mario - 15'' - 47'' : "Fundamentalmente produtos alimentícios, íamos ao mercado e comprávamos de tudo, latas de carne. [...] Lembro que nessa época, você chegava ali com 5 centavos, depositava em umas máquinas e saía uma Coca Cola ou uma Pepsi Cola e em seguida já não havia mais, estava só a máquina, que não funcionava."</p> <p>MV_1160 - Lourdes - 2'10'' : "Realmente eles eram os donos de Cuba"</p> <p>MV_1179 - Caridad - 7' "Uma chácara, a chácara onde eu vivia era de um americano e era pequena, eles tinham tudo, tudo. E por isso custava muito trabalho para eles se desprenderem disso. [...] E como Fidel veio intervendo em tudo isso e dando ao povo, parece que isso os chateou muito (risos)."</p> <p>MV_1160 -Lourdes - 3'20'' Para Estados Unidos, Cuba era a chave do Golfo, por sua posição estratégica, Cuba tinha um papel essencial, eles consideravam como seu pátio, ou seja, do ponto de vista geopolítico, Cuba tem uma posição importante ou privilegiada para o governo dos Estados Unidos.</p> <p>MV_1708 - Virgínia -30'' - 4' "Eu nasci com o bloqueio e cresci bloqueada, não? Ou seja que sendo criança não</p>
--	---

	<p>me havia dado conta do que era o bloqueio e agora sendo adulta me dou conta que o bloqueio sempre influenciou minha vida, de forma negativa, porque na infância carecemos de muitas coisas que poderíamos ter se não existisse o bloqueio, estando a 140km do país mais desenvolvido do mundo.</p> <p>MV_1117 - Ernesto - 7'55'' : [...]o fenômeno que chamamos de bloqueio, chamamos assim, porque essas medidas não dizem somente da relação bilateral entre Cuba e Estados Unidos - que já pela importância que tinha a economia dos Estados Unidos para Cuba ia ser algo bastante grande - mas estamos falando de uma série de medidas que impedem que Cuba mantivesse relações de qualquer índole, especialmente econômicas, com terceiros países.</p> <p>MV_0890 - Mario - 1'20'' Por isso, cortam as relações e nos impõem o bloqueio pensando que iam poder tombar a revolução. Passamos por dificuldades, mas a revolução eles não poderão derrubar. Assim nos mantivemos 50 e poucos anos (risos)."</p> <p>MV_1721 - Zori - 2'50'' - 3'32'' "Realmente, eu acredito que nem eles mesmo compreendem mais. Eu creio que o bloqueio é algo tão dos anos dos anos, que eu creio que já nem eles mesmos entendem</p>
--	--

	<p>porque começaram um bloqueio.</p> <p>MV_1724 - Zori - 6'22'' Isso foi, imagina você, decisões de governo que em algum momento se tomaram, mas creio que podem ser mudadas. De lá pra cá se passaram muitos anos e tudo pode mudar. Nem tudo é estático, nem tem que se manter igual.</p> <p>MV_1198 - Yamile - 2' - 3'20'' "Bom, creio que começaram para evitar que Cuba realizasse mais abertamente relações comerciais com outros países, que pudesse adquirir produtos que em Cuba não se produz e que são necessários tanto pra saúde, como pra economia, como para qualquer âmbito da vida de um país.</p> <p>MV_1401 - Efraim - Início até 2'50'' "O restabelecimento de relações diplomáticas significa uma esperança. Significa que não era impossível, significa que pela primeira vez se reconhece que em Cuba há um governo, que resistiu e com o qual há que negociar. [...]</p> <p>E sim, eu sou otimista, eu penso que é um processo de normalização de relações que já se iniciaram. Vai ser um processo longo, complexo, se acumularam mais de 50 anos de desconfiança mútua. Não tanto a nível de povo, mas de governos. São muitos anos</p>
--	---

	<p>de desconfiança, mas eu creio que estamos no caminho correto e tenho esperança de que sim podem ir se levantando as restrições e que finalmente chegaremos a uma relação normal, civilizada entre Cuba e Estados Unidos.</p> <p>[...]</p> <p>Para Cuba seria efetivamente levantar, paulatinamente, a trava fundamental, a muralha fundamental. Eu diria a principal limitação que teve Cuba em seu desenvolvimento nesses 57 anos é a relação hostil com os Estados Unidos. É o bloqueio norteamericano. Portanto, significa para nós uma esperança."</p> <p>MV_1128 - Ernesto: "80% da população cubana residente no exterior está nos Estados Unidos e 80% é uma cifra grande"</p> <p>MV_1132 - Ernesto - Início até 1'32'' : A partir do censo feito em 2010 se determinou que 52% dos cubanos nascidos em Cuba, residentes nos Estados Unidos, haviam chego no país depois de 1990.</p> <p><u>OFF: Em 57 anos, esse é o momento de maior proximidade entre Cuba e Estados Unidos.</u></p> <p>MV_1013 - Yoannet - 1' - 1'30'' (Sobre a opinião dos jovens sobre os EUA) "Agora mesmo há muito otimismo, pelo menos é o que eu vejo no meu</p>
--	--

	<p>círculo social, há muito otimismo com as mudanças que estão acontecendo, porque são mudanças boas, havia muita necessidade de que a população acesse à internet, que é uma das coisas que está mais a ponto de acontecer de alguma forma.</p> <p>8'35'' - 9'10'': "Eu realmente confio no Estado socialista que pode melhorar. Estamos tentando melhorar, mas creio que este é um Estado que deveria existir no mundo inteiro. Também entendo que o capitalismo tem coisas boas. E o que mais me gostaria seria fundir essas coisas boas que possui o capitalismo com as coisas boas socialistas e criar assim um sistema híbrido, que proteja tanto aos desfavorecidos, e que também dê lugar ao desenvolvimento, ao avanço. Isso para mim seria o ideal"</p> <p>MV_1036 - Evelia - 8'35'' - 8'40'' " Não me interessa em nada ir aos EUA. Nem de passeio."</p> <p>MV_1214 - Jorge Bolaños - 6'27'' - até final: "Significa que está sendo o que deveria ser sempre. Nós não rompemos com os Estados Unidos foram os Estados Unidos eu romperam conosco. Eu sempre pensei que essa condição geográfica e geopolítica obriga um e outro a ter relações normais, mas não é fácil viver ao lado de um elefante, como dizem os africanos. [...]"</p>
--	--

	<p>Nós só pedimos aos EUA que respeitem nossa independência, nossa soberania e nosso direito de assumir a ordem econômica e social que queremos sem interferência. Parece que agora se convenceram que com o Bloqueio não vão conseguir render a Revolução. Há quatro gerações que viveram sob o Bloqueio e nenhuma delas se rendeu. Então estão tentando conversar e estabelecer relações, o que é um passo importante e eles pensam que através dessas relações poderão influenciar mais nos cubanos, sobretudo nos jovens, mas eu sou um dos que crê que cada geração faz sua revolução."</p> <p>MV 1235 - Juana - 6'30'' - 7':</p> <p>"Alguns pensam que com isso vão se acabar todos os problemas e o que os EUA é o salvador, o que não é. Mas o fato de que também venha a possibilidade de investimentos e de um comércio normal, indiscutivelmente melhorará nossa economia. Todo mundo pensa isso."</p> <p>MV 1266 - Omar - 7'10'' - 9'22''</p> <p>"Eu creio que o que prevaleceu em ambos os governos é o pragmatismo. Trataram de avançar em aqueles setores onde sabemos que podemos alcançar resultados, naqueles que são muito complexos estamos deixando para o final e não o colocamos como condição para o outro [...] Eu diria</p>
--	---

	<p>que no próximo ano também vamos ter mais resultados, Cuba também precisa colocar sua parte em algum dos temas, mas vamos partir do princípio de que não é Cuba que tem um bloqueio contra os EUA, ou seja, onde mais medidas, não se pode dizer que Estados Unidos dois e Cuba dois, onde mais medidas tem que ser tomadas é por parte dos Estados Unidos, porque é quem tem um bloqueio contra Cuba, que é o que impede que o estrangeiro venha a Cuba e depois não pode ir aos Estados Unidos, é o que impede que recebamos créditos, que tenhamos organismos financeiros internacionais, é o que impede, impede, impede. Apesar da normalização, ainda temos assuntos complexos e eu nem falei do fato de que Cuba ainda não pode utilizar o dólar nas suas transações internacionais."</p> <p>MV 1419 - Kátia - 4'26'' - 7'20'' :</p> <p>"Eu creio que a notícia impactou, mas creio que não gerou a euforia que poderia ter gerado em outro lugar, porque realmente nas relações com os Estados Unidos, Cuba sempre esteve muito asséptica. Então, de fato, existem muitas questões que já poderiam ter mudado, o próprio Bloqueio é um exemplo disso, e não aconteceu. Então como tem sido tão difícil romper as rivalidades e reestruturar o vínculo, por tudo que é adjacente a isso, histórico,</p>
--	---

	<p>por todas as coisas que aconteceram, tem sido muito difícil romper isso, portanto, um notícia de mudança que não acompanha uma evidência de mudança suficiente, não gera em Cuba euforia, até que se veja que realmente estão acontecendo as coisas essenciais que vão gerar a mudança.</p> <p>Que exista um escritório de interesses diplomáticos, que exista uma embaixada, estamos falando em termos diplomáticos, é interessante para os cubanos e da mesma maneira outro grupo de mudanças que estão acontecendo, mas da maneira que estão as relações, ainda não indica para o cubano comum que essas mudanças o estão beneficiando.</p> <p>Então, os benefícios, temos aprendido, desde nosso cotidiano, que não são abstratos, que é necessário se veja na realidade, na vida cotidiana, na agricultura, na comida, na medicina, nas condições de vida, em um grupo de elementos objetivos, concretos que ainda não se veem. Eu creio que é isso que acontece, que poderia ser apatia a palavra, mas eu diria que é mais uma incerteza e também um ceticismo com a possibilidade real de uma mudança. [...]</p> <p>MV_1719 - Virgínia - 5'29'' -6'</p> <p>"Em um ano, eu não imagino mudanças bruscas. Eu te digo que 50 anos de hostilidade não vão ser superados em um</p>
--	---

	<p>ano, nem dois, nem cinco. Eu acredito que em um quinquênio vamos estar avançando a passos lentos, a menos que haja um milagre nas eleições, na política, não sei, e venha um democrata ou um republicano... não se pode, não é tão fácil. Há muitos senadores que querem mudar o bloqueio, mas a maioria, não vamos nos enganar, não querem isso."</p> <p>MV_1123 - Ernesto - 6' - Alguns tipos de negócios poderiam seguir se aprofundando, por exemplo, um dos que parece ter uma maior possibilidade de se chegar, finalmente, a um acordo é a abertura de voos regulares entre Cuba e EUA. Não estou falando dos voos charter, que já existem e há muitos por dia, mas são voos charter. Voos regulares entre várias cidades, aeroportos dos EUA e de Cuba</p> <p>MV_8892 - Mario - 4'25'' - 5'20''</p> <p>"Graças a essa abertura, vejo que tudo vai se facilitar, continua o obstáculo fundamental que é a eliminação do bloqueio. Mas logo, virão muitos turistas americanos aqui e estamos esperando que se libere a visita dos norte americanos a Cuba. Somente com essa medida, este país terá muito dinheiro entrando, tanto nas propriedades estatais, como privadas. (...) Restaria como última medida, vejo que é difícil, mas acho que pode se levantar logo, que é o</p>
--	---

	<p>bloqueio. Depois disso tudo vai melhorar.”</p> <p>MV 1724 - Zori - 9'32'' - 10'29''</p> <p>“Bom, eu acredito que um ano é um período de tempo um pouco curto, porque estes processos demoram muito, levam muito tempo, que tem trâmites e depois de tanto tempo, em um ano é difícil que se resolvam muitas coisas. Mas já vimos que há avanços nos assuntos tecnológicos, na questão da abertura de embaixadas, nos assuntos migratórios, na agricultura, no intercâmbio entre universidades de Cuba e EUA. Talvez nesses assuntos, dentro de um ano, podem estar um pouco mais consolidados. Talvez o trâmites migratórios, as pessoas não tenham que passar por tanto trabalho, nem tenham que penar e sofrer tanto por essa parte migratória, quiçá os cubanos possam ir estudar nos Estados Unidos e os estadunidenses podem vir estudar em Cuba, ter bolsas de intercâmbio...Quem sabe todas essas coisas podem acontecer, tomara que aconteçam”.</p> <p><u>OFF: De um ano para cá, os vôos comerciais entre os dois países foram normalizados, Obama visitou Cuba, rompendo com 88 anos sem visitas de governantes estadunidenses a terras cubanas. Nesse ano, também foram realizados jogos de beisebol entre suas seleções e</u></p>
--	--

	<p><u>Além disso, pela primeira vez na história, os Estados Unidos se abstiveram na votação da assembleia geral das Nações Unidas contra o bloqueio econômico.</u></p> <p><u>E as próximas mudanças, ainda estão por vir.</u></p> <p>Imagens: ida de Obama à Cuba, imagens da embaixada dos EUA em Havana, jogo de beisebol, etc.</p>
--	---